

JORNAL DE GUIMARAES

Semanario noticioso, litterario, agricola e commercial

Orgão dos interesses locais

PREÇO DA ASSIGNATURA PAGA ADIANTADA

Anno (sem estampilha).....	1\$200
Semestre	600
Anno (com estampilha).....	1\$500
Semestre	750
Brazil e Africa, anno (pagamento adiantado)	3\$000
Numero avulso.....	40

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

PROPRIETARIO—Arnaldo Bezerra do Rego de Mello e Lima

EDITOR RESPONSAVEL—Francisco A. da Silva

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA—RUA DE LUIZ 1.º

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e com., por linha.....	40
Repetição.....	20
No corpo do jornal, linha.....	100
Anuncios commerciaes, pagos adiantadamente, publicam-se por contracto previo e os litterarios, em troca d'um exemplar.	

HOMENAGEM

DO

JORNAL DE GUIMARAES

A

ACADEMIA VIMARANENSE



por ali vagueia mordendo em toda a gente, mas que jámais se aproximou d'um estudante!...

E' humilde esta nossa manifestação de entusiasmo pelos estudantes em festa; mas illumina-a um bello sol de larga sinceridade, que nos faz crêr que a Academia a receberá com as mesmas demonstrações de agrado, com que receberia uma manifestação ruidosa. Os rapazes tambem sabem desculpar a humildade d'uma offerta, pela riqueza da intenção que a illumina.

E agora, ponto final! o dia finda d'aqui a algumas horas, e já pelo espaço vôam, n'uma ameaça estrondosa, os sons longinquos da festa; que esta nossa saudação seja erguida enquanto os braços, que amanhã se erguerão «para esmagar o silencio», descansam socegradamente n'uma periodo de paz; para não haver o perigo de passar despercebido, confundindo-se a sua voz com as vozes dos «zabumbas», o que tanto nos custou a architectar e que constitue o nosso cumprimento aos academicos vimaranenses...

Viva o dia 1.º de dezembro!

Viva a Academia Vimaranense!

Viva a liberdade!

Hoje o segundo dia da festa academica; o mais gallardo em pompas, o «mais nobre», o dia de gala por excellencia, saudado em festa pelos estudantes, como é acclamado na Historia pelas gerações.

Não ha ruidos de festa estrondosa, n'uma algazarra alegre e franca; ha hymnos de ovação tryumphant, n'uma expontaniada de grave e solemne.

A'manhã virá o ruído, o estrondo em chamma, rubro, alegre, palpitante; o estudante será o rapaz entusiasta que sae á rua para saudar com gargalhadas o sol da alegria môça, viva, illumina, calma; hoje impera o socego, a tranquillidade serena, o entusiasmo viril que deve illuminar o espirito d'um soldado ao relembrar-se d'uma batalha gloriosa; cada rapaz, é um homem que comprehende impôr-se-lhe como um dever saudar com palmas um dia a que os seculos ergueram na Historia um monumento!

A'manhã será um estouvado, de quem fugirão as brisas, apedrejadas pelos echos d'uma alegria festiva, quente, com azas; chamar-lhe-hão «um pandego»; hoje é um crente, deante do qual os homens se descobrem, n'um cumprimento que é uma saudação; chamar-lhe-hão «um patriota».

A homenagem do «Jornal de Guimarães» é, pois, uma saudação á Academia; saudação franca, sincera, amiga, em que ha o entusiasmo de quem, ainda ha bem poucos annos, fazia da capa um escudo contra as investidas d'um PARECE MAL, figurão que

O DIA 1.º

DE

Dezembro

A patria portugueza havia sido estrangulada pela mão vigorosa d'um gigante, que surgira n'um impeto de ambição para lhe cavar a ruína.

Não era uma patria; era um tumulo.

Dentro d'esse tumulo havia encarcerada uma alma enorme, uma alma immensa, e boa, e nobre, e heroica.

Era a alma luzitana, a alma nacional, a mesma alma que seculos antes havia erguido triumphantemente o facho da guerra contra os inimigos da fé; era a grande alma portugueza que em todas as epochas fez heróes e levou o seu nome através de mundos desconhecidos, onde a bandeira das quinellas tremulava altiva aos ventos da fama, nas regiões de que foi rainha!

Era a alma heroica e santa d'onde irradiaram os primeiros clarões que foram assombrar os seculos, debruçados no parapeto do Passado para o saudar, era a alma d'onde se elevaram gloriosamente as vozes das luctas gigantes, que formaram as primeiras paginas da historia moderna!

Ella existia ali, intacta, grande como d'antes, e soberba de gloria como nunca.

Mas sobre esse tumulo pesava, como uma ameaça, o pé traçoeiro d'um athleta, e a cada esforço realizado mais ella se sentia presa, como se sobre aquelle tumulo, Deus houvesse feito tombar um mundo de granito.

(1) FOLHETIM

A NOIVA

ELLA quedara ali, branca, muda, nervosa...

Uma luz delgada e humilde saltava discretamente pela fresta da janella e ia cair a um canto, com a impassibilidade serena d'um justo ou a indiferença calma d'um philosopho.

Rosas brancas e nhas, em desalinho sobre as jarras, calçavam de longos perfumes a espessura flaccida e brunida dos tapetes, n'um hystericismo doce e li-songeiro de camélias fustigadas pelas pulsações nervosas d'uma boutonniere em chamma.

Pelas paredes calvas, nhas, fumegava o liquido dormente d'um junho plenissimo, que impunha ao recinto a temperatura complicada d'uma estufa.

Nem a aza d'um som tombava ali; pesava um silencio imperioso, robusto, rigido, difficil. Era o silencio que trasborda d'uma nave em seguida á appareção d'um phenomeno.

Um throno havia sido esmagado sobre o peso d'outro throno, erguido sobre as ruinas tragicas d'um paiz glorioso e pequeno, mas heroico. As multidões curvadas sob o imperio de Castella, iam, rojando-se na lama ensanguentada beijar um rei que abominavam, e que era o carrasco da sua liberdade.

Mas um dia o leão despertou d'aquelle somno morbido; accordou e rugiu: n'esse rugido havia uma ameaça; olhou o passado, cheia de gloria, e o presente, coberto de ignominia, e então sacudiu a juba doirada n'um fremito de vergonha; recebeu as accusações do futuro e quebrou n'um momento as algemas que o cingiam ao pé, como se fora um forçado.

O golpe fora formidavel; Castella rugiu, mas baqueou apóz esse rugido impetuoso!

Estava restabelecida a nossa patria! A liberdade fora resgatada com sangue; mas ella existia enfim, serena, calma, illuminada!

Havia comprehendido a patria que a autonomia d'um povo se resgata com a violencia, que em taes casos é uma lei.

O feito do dia 1.º de dezembro apogou as manchas da nossa escravidão, vergonhosamente registada pela historia; 1640 fora grande de mais para que não eclipsasse, com o seu esplendor, as nodoas arrojadas á face da bandeira azul e branca.

Saudemos, pois, os heróes de 1640 e ergua-mos-lhes um altar nos nossos corações illuminados pela chamma santa do patriotismo, pelo sol do amor á liberdade!

Viva o dia 1.º de dezembro!

Vivam os bravos de 1640!

1.º DEZEMBRO

UM portuguez, animado pela gloriosa Odysséia da sua historia, não treme nunca!

Nem o baque d'um grito tombrado pela claridade muda, nem o ruído d'um fôlha abrindo-se n'um soluço... A alcôva era um lábio mudo, enerte, ferido; dir-se-hia o fragmento physico d'um trovão mutilado, sobre que houvesse tombado um mundo!

Havia o q'ier que fosse de pivoro e formidavel n'aquelle paz absoluta, sob que parecia luctar uma alma na ancia silenciosa d'um remorso. Adivinhava-se ali uma garganta estrangulada pela mão invisivel d'algun deus violento e sanguinario.

Era como que uma paz feita de violencia, em que gottejassem ainda o sangue d'uma victima.

Sentia-se o esforço heroico d'uma bocca em chaga, empenhada na lucta de espedaçar um dedo que a suffocava!

Não havia a paz nitida, gloriosa, que precede a execução d'um hymno coado através das grades d'um claustro; havia a rigidez vigorosa e trágica que se segue ao aniquilamento d'um beijo, esmagado de encontro ao sangue d'uma blasphemia.

Não era a tranquillidade mystica e suave que abraça a cruz branca das ermidas.

Lá, emmudecem os sons que vêm das regiões do peccado, com a expon-

Portugal sacudiu o ominoso jugo que Castella lhe queria impor, assim como teria audacia bastante para acosar para bem longe a propria Castella em massa!

Pois se até os mares gemem ao péso de seus navios!... Se o mundo inteiro impallidece ao fulgor de suas espadas!...

Nunca! Antes que vergue uma espada portugueza, não de cair estilhaçadas milhares d'espadas inimigas!!

R. V.

Os heróes de 40

Poesia, que será recitada em a noite do 1.º de Dezembro pelo academico vimaranense Americo Fernandes, e oferecida pela academia á imprensa local.

Rojavam-se na Treva as almas luzitanas. E as brizas auroriaes do céu da Patria exangue, fustigadas p'la mão das hostes castelhanas Tinham no azul ebúrneo uns glóbulos de sangue.

O perdão sacrosanto, onde gemia um s'olio, De mão em mão levado á turba que ajoelha Andava como em taberna, á chamma do petroleo Anda de mão em mão uma bandeira velha

E a ensanguentar de lama a enlameada tela Um throno havia ao pé d'um throno que gemeu Ao sentir ao seu lado o trapo de Castella, Como um alcouce erguido aos pés d'um mausoleu.

taniedade lucida d'um lyrio que desabrocha. Sente-se a piz larga e voluntaria que deve illuminar o espirito d'um heróe; como que se entrevê a immortalidade n'aquelle solidão branca, immovel, nua, casta; toca-nos subtilmente o dedo azul-diaphano d'um prazer indefinivel, vago, medito, que nos dá a impressão physica e espirital d'um sonho materializado pela vida incontestavel d'uma realidade viva, d'uma realidade nua, d'uma realidade real.

E' essa a paz amplissima, virgem, plena, irmã d'aquelle paz que embalou o espirito do Nasareno apóz a estupenda tragedia do Golgotha.

Mas ali, não. Pesava, impunha-se, precipitava-se um silencio impetuoso, brusco, nu; sentia-se suspenso da meiotreva como que um braço de granito que apertam um lábio occulto, suffocado, amordagado, estrangulado pelo embate formidavel d'um marre gigantesco! Como que se divisava uma vida paralisada pelo esforço titanico d'um monstro.

Era o silencio hostile das estrangulações nocturnas, em toda a orgia da violencia; era a piz monstruosa do peccado, em toda a hidiondez da solidão.

Dir-se-hia que dormia ali o cadaver d'um deus ou o coração ferido d'um gigante que houvesse estrangulado a garganta do infinito!

Mas d'esse throno um dia as forças derradeiras, N'um derradeiro esforço, heroico e santo, e bom, Fizeram tremular as tremulas bandeiras Em cuja haste a morte, hasteia o seu pendão!

A agnia adormecida ergueu-se triumphante. E arrebatando a aza á barbara agonia, Quebrou d'um golpe só, n'um impeto gigante, As táboas colossaes das leis da tyrannia!

Um braço erguen a cruz e um outro a durindana: —Havia em cada braço os braços d'uma cruz. Já assim vencera um dia a patria musulmana, Quem vae ao campo e obra em nome de Jezus.

Da liberdade a pomba immaculada e calma uma alma accendeu ao pé de cada altar; E ao poisar sobre o altar erguido em cada alma Viu livre todo o azul para voar, voar.

Heróes, a cuja historia a Historia se avienta! Tudo o que ha de tranquillo em nossos corações Vem saudar-vos aqui, ó bravos de quarrenta! Heroicos redemptores das loiras multidões.

ARNALDO PEREIRA.

1.º de Dezembro

UM culto apaixonado, fervente e immorredouro seguia um poema em que o maior poeta do seculo XVI encarnou

E lá ao fundo da alcôva, junto da porta meio cerrada que erguia sobre si mesmo na mudez crua d'um assombro, ella conservava-se silenciosa, branca, tragica, immovel, pondo na parede uma mancha complicada e clara.

Uma camélia hystérica e nervosa arfava sobre a alvura victoriosa do seu vestido tennissimo, cavando-lhe no seio convulsionado um beijo impenitente, mudo como um desejo, rubro como um insulto.

No seu olhar havia as scintillações extranhas d'uma illuminação de relampagos.

Parecia que aquelles olhos negros grandes, profundos, em que pestanejavam phosphorecencias mornas d'um veludo incendiado eram o céu onde se reproduzia a tempestade que apedrejava um outro céu, perdido, occulto na immensidade brumosa d'uma sombra.

(Continúa)

ARNALDO PEREIRA.

em estrophes arrebatadoras de patriotismo e emocionantes de ternura a alma gloriosa d'uma nacionalidade.

Esse poema era «Os Lusíadas» de Camões, essa nação, Portugal.

Bradava o povo justiça, o poema liberdade; os oprimidos vida e luz, o poema lucta gloriosa e edificante, restauração e civismo; enfim, acalentado pelo hymno sacrosanto, que soava harmonioso, continuamente da santa biblia da patria, o brado isochrono dos subjugados levantou a patria livre na esplendida apothese dos heróes que falavam nas paginas dos seus Lusíadas como se fora a voz firme e entusiastica d'um oraculo a relembrar as suas lidimas glorias.

João Pinto Ribeiro libertara a Patria, matando no paço real o usurpador Miguel de Vasconcellos, como outrora o Mestre d'Aviz assassinara o Conde d'Audero; as mães também tiveram na conjuração do dia 1.º de dezembro de 1640, um lugar altamente efficiente, armando seus filhos cavalleiros, D. Marianna de Lencastre e D. Filipa de Vilhena, como só as mães os sabem occupar.

Não admira... comove, porque a Patria também é mãe.

Academicos e operarios liberaes em quem eu tenho esperança da liberdade e gloria da Patria no futuro, vós as mais valiosas alas do Portugal patriótico, estudo e trabalho, bradai conmigo.

VIVA A PATRIA !

VIVA A LIBERDADE !

A. G.

A' ACADEMIA

Corações em flor, almas que sereis astros, pombas a arrulhar numa revoadada amiga; vinde ver a triste que alli vai de rastos, coberta de andrajos de velha mendiga.

Que mulher formosa ella não foi, de certo! — Nobre magostade no olhar se adivinha — Talvez a desgraça alli tenha encoberto sobre um negro véo destronada rainha.

Vai tam macilenta, alquebrada, abatida, e num desalento, como quem procura repouso da lide afanosa da vida no gozo da paz de triste sepultura.

Vai quasi de todo a perder mesmo a fálta; dentro, o coração a parar de bater: Almas generosas correi a ampara-la, estreitai-a ao peito, fazei-a aquecer...

Não vedes como ella vos estende o braço, já num vago anseio a implorar compaixão; quer-vos apertar a todos num abraço e morrer convosco junto ao coração.

A visão sombria d'esta desgraçada quasi na indigencia a mendigar conforto não vos traz a idéa a imagem desolada da Patria infeliz — um astro quasi morto?

Corações em flor, almas cheias d'esperança, lírios perfumados do jardim do sonho; dedicae-lhe amor em fraterna aliança e ella inda hade ter um porvir bem risonho.

Collegio de S. Damaso.

SILVA GONÇALVES (Corrêa Gil)

Glorioso foi o feito do 1.º de dezembro

O recrudescimento do vituperio encontrou, enfim, na inergia dos vituperados portuguezes uma meta inviolabilizavel que devia ser o agente da vaporização das affrontas á nossa patria. O recio que, affrouxando e coarctando o animo dos que por elle são dominados, assim se torna o derrubador de tantas empresas, foi agilmente condemnado na atmospheria do valor pela effervescencia do saugue pullulante nas veias d'um povo exasperado, que pouco antes assombrara o mundo com as suas proezas.

A nação germinadora de tantas epopeas, tendo por combustivel a gloria de ingentes feitos, via-se paralisada, doestada, ultrajada!

Mas o denodo, lusitano, não se tinha evaporado, a bravara que incitara os descobridores de terras ignotas a inauditas façanhas, permanencia inconspicua, estabelecendo uma symbiose com a invulneravel coragem sempre dextra em abar o ideal dos portuguezes: a independencia a liberdade!

Surgiu porem o almejado 1.º de Dezembro de 1640, fulgentemente aureolado pela pureza e limpidez da abbada celeste que, na verdade, incutia no coração desse deminuto numero de heróes a ousadia necessaria para dar o passo que as circunstancias desde ha muito reclamavam.

Fa. to glorioso foi esse !

A nossa querida patria que com a presistancia do jugo castelhano, tantos factores tinha adquirido para a sua ruina pois as suas evoluções, durante sessenta annos de sufrimento, deprupera-ram-lhe consideravelmente a influencia colonial, o movimento litterario e scientifico e o desenvolvimento do commercio e da industria; a nossa patria que coastrava agora com a phase por que passara quando assentava ao augo do seu esplendor; a nossa patria que em tão deploravel estado de decadencia se manifestava despertou enfim, no memoravel 1.º de Dezembro da sua lethargia para a restauração da sua independencia.

Glorioso foi o feito do dia 1.º de Dezembro !

F. G.

As festas academicas

O PINHEIRO

Extraordinaria, unica, imponente, a entrada do pinheiro que annuncia a grande festa da mocidade estudiosa!

Nunca esta primeira parte dos grandiosos festejos attingiu um tal grau de

luzimento, de entusiasmo, de alegria, de estroado, de vida, de animação.

Uma multidão enorme, se apinhava na rua de Santo Antonio e no largo do Toural, para ver passar o cortejo immenso, que avançou sempre com a melhor ordem, sem uma imperfeição, o que fez com que não houvesse de registar-se uma desgraça ou uma qualquer sensaboria.

O numero de pessoas que foram ao Cano é incalculavel. Apinhava-se por toda a parte, falando animadamente, enthusiasmando os rapazes.

A entrada do pinheiro fez-se por esta ordem: na frente marchavam a cavallo seis academicos com enormes chapéus enfeitados, calção preto, meir branca, camisola, e seus lazarotes enormes, espaventosos, de cores vivas, vistosas, pendentes do pescoço; umas faxas vermelhas e verdes, artisticamente traçadas completava o traje dos cavalleiros que tiveram de desistir da ideia de levar as lindas lanças que para esse effeito ornamentadas com fitas, porque os cavallos, muito fogosos e excitados pelos sons dos zabumbas exigiam ambos os braços livres.

Em seguida marchavam os classicos zabumbas, valentemente abalados por quarenta e tantos academicos, que, tomando a serio o seu papel, o guorriavam o socego com a valentia dos soldados. Era uma algazarra immensa, ensurdecadora, extraordinaria, que nos dava a impressão nova d'um mundo a pór-se em pedaços! dirigia a grande «orchestra» o academico Sr. João d'Oliveira, que, vestido de vermelho, enorme casaca com abas enormes e chapéu gigantesco, empunhava uma espada, sempre suspensa sobre o desgraçado que ousasse... desafinar uma nota...

Ségua-se o pinheiro, um mastro enorme, monstruoso, que fora collocado em carrós e era conduzido por 57 juntas de bois, numero espantoso em comparação com o dos mais annos.

Muitos rapazes cavalgando o pinheiro, empunhando bandeiras e dando vivas, e na cauda uma banda de musica executando o hymno escolastico.

Houve todas as cerimónias costumadas, içaram se as bandeiras da cidade e á meia noite, ao levantar do pinheiro, um grande numero de estudantes solemnizaram o acto com zabumbas.

Bello, academicos, bello !

Realisar-se-ha amanhã a grande recita de gala da academia, dedicada ás senhoras de Guimarães.

Subirão á scena 3 engraçadas comedias, uma das quaes do sr. Arnaldo Pereira, recitar-se-hão lindas poesias e chistosos monologos, havendo discursos dos academicos e o entusiasmo das festas d'esta natureza.

O theatro será ornamentado com colxas de damasco, bandeiras, bombos, eras, etc., etc.

O espectáculo principiará ás 8 e meia horas pelo discurso da abertura e hymno da Independencia e escolastico.

Commemoração de 1640

RESTAURAÇÃO da Patria! — f. ito ing. nte D'intrepidos heróes!... Ah! b. m. z. e. l. o Vós tolos, que sentis, dentro do acio, Estuar o patriotismo nobremente.

Vergonha encerra o livro do presente?... Da gloria o do passado existe ch. io: Ra. g. u. e. se aquelle, pois, de mejo a mejo, Mas venere-se o antigo eternamente.

Nesse aureo livro inspira-se meu canto, E convosco celeb. o a heroicidade De quem a Patria deu prestigio tanto.

Quem este dia festejar não ha-de?... Eia! Jamais se apague o fogo san. o Do amor á independencia, á Liberdade!

Jose Maria Ançã.

NUVENS DE ROSA

De aqui a muitos annos, quando nós fórmos somente uns tremulos velhitos, amar-nos-hemos inda, muito sós, mascarando com umas cas de avós todo este ardor de peitos infinitos.

Não podemos decerto, como agora, fugir de casa pelas tardes calmas e correr dextramente campos fóra... Mas, tropeçando mesmo, a toda a hora banharemos de amor as nossas almas.

Enlaçarás as mãos de pergaminho cortadas pelo traço azul das veias entre as minhas, n'um tepido carinho, vendo ao longe as cabeças cor de linho dos netitos gentis de fórmos cheias.

Quando me falte a dentadura iriante tu chorarás o nosso amor passado para eu beber o pranto electrizante; e verás cada lagrima brilhante transformar-se n'um dente aperolado.

E sem sentir a tremula vilhice fundiremos a neve dos cabellos com ardencia das almas, Beatrice! — Tu farás sonhos de que outrora eu disse — em pombaes de illusão dos nossos gelos!

E depois, quando um ultimo lampejo fuja do nosso azul, suave e lento, morreremos então no mesmo ardujo: — almas subtilizadas n'um só beijo! — notas de fulvo amor soltas ao vento !

D. JOÃO DE CASTRO.

1640 — 1901

TYPOGRAPHIA

DO

JORNAL DE GUIMARÃES

RUA DE D. LUIZ I.º

GUIMARÃES

Esta Typographia encarrega-se de qualquer trabalho typographico garantindo a perfeição e modicidade de preços.

ROCHA MARTINS

MARIA DA FONTE

GRANDE ROMANCE HISTORICO

Edição de luxo, acompanhada de bellissimas photographuras dos principaes personagens da época e com primorosas illustrações de

ROQUE GAMEIRO

Cada fasciculo semanal 40 réis
Cada tomo mensal 200 réis

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Centro de publicações---TABACARIA LEMOS

ALEXANDRE DUMAS

O SAN FELICE

Notavel romance historico

Edição de luxo, nitidamente impresso em bom papel, com illustrações de ROQUE GAMEIRO

cada tomo mensal 100 réis
Cada fasciculo semanal 20 réis

Centro de publicações---TABACARIA LEMOS

Antonio Figueirinhas

RECORDAÇÕES DE VIZELLA

Um livro com bellas gravuras, onde n'uma narrativa singela se faz a descripção dos pontos mais pitorescos da formosa estancia balnear

Preço 500 réis

A SEVERA

Romance genuinamente portuguez

Profusamente illustrado por ALONSO

COM MAGNIFICAS GRAVURAS ALLUSIVAS A ÉPOCA

Original do laureado escriptor

JULIO DANTAS

Cada caderneta de 16 paginas semanal 60 réis—Toda a correspondencia deve ser dirigida á Casa Editora de F. PASTOR, Rua do Ouro, 243 2.º LISBOA—Assigna-se em Guimarães na Typ. Industrial.

Brevemente:

GOMES FREIRE

Grande e patriótico romance historico, original de ROCHA MARTINS

GOMES FREIRE—o novo e magnifico romance de que muito breve encetaremos a publicação é um romance historico, de grande alcance sob o ponto de vista patriótico.

Conecta no reinado de D. Maria I e termina com a revolução de 1820, apresentando-nos os principaes successos d'um longo periodo de quarenta annos.

GOMES FREIRE é um nome e é um symbolo. Ele e que representa a mais augusta victoria do governo dos inglezes no paiz, e é esse que lucita o primeiro brado de verdadeira liberdade nacional.

A acção do romance divide-se em quatro partes que obdecem aos seguintes titulos:

1.ª vingança dos jesuitas—Os pedreiros livres—A invasão franceza—Traidores á patria

Gomes Freire—è pois um livro de grande alcance onde o talento do auctor se revela em toda a sua pujança apresentando personagens como:

D. Maria I, D. João IV, o principe do Brazil, o cardeal da Cunha, Martinho de Mello, Luiz Pinto Coutinho, Launes, Junot, Soult, Messena, o conde de Ega e sua mulher, os Malvas, o arcebispo de Thessalonica, Beresford, Napoleão, Bonaparte, Carlota Joaquina, Filinto Elyzio e José Agostinho de Macedo, o poeta Bocage, e sobretudo «Gomes Freire» que dá o nome a este bello romance.

Gomes Freire—será publicado n'uma luxuosa e nitida edição, acompanhado de photographuras dos principaes personagens e illustrado com gravuras de pagina, impressas em optimo papel, copia de primorosas aguarellas devidas ao pincel de «Roque Gameiro».

Cada fasciculo semanal 40 réis

Cada tomo mensal 200 réis

AS DUAS MARTYRES
(Annaes secretos da inquisição)
Romance historico por D. JULIAN CASTELLANOS

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES
Um grande quadro historico (60,70 centimetros) representando um dos factos mais importantes da RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL EM 1040
Cada caderneta de 4 folhas, ou 3 folhas e uma estampa, por semana—10 RÉIS
Cada volume brochado—400 RÉIS

Assigna-se no Centro de publicações--TABACARIA LEMOS

O FERREIRO DA ABBADIA

PONSON DO TERRAIL

1.ª PARTE: A Ocupação dos Frades—2.ª PARTE: Os Amores da Condessa Aurora—3.ª PARTE: A Justiça dos Bohemios

Edição largamente illustrada com magnificas gravuras
Peço de cada fasciculo semanal

50 RÉIS

Cada tomo mensal 250 RÉIS